

# Olhos d'Água



Olhos d'Água



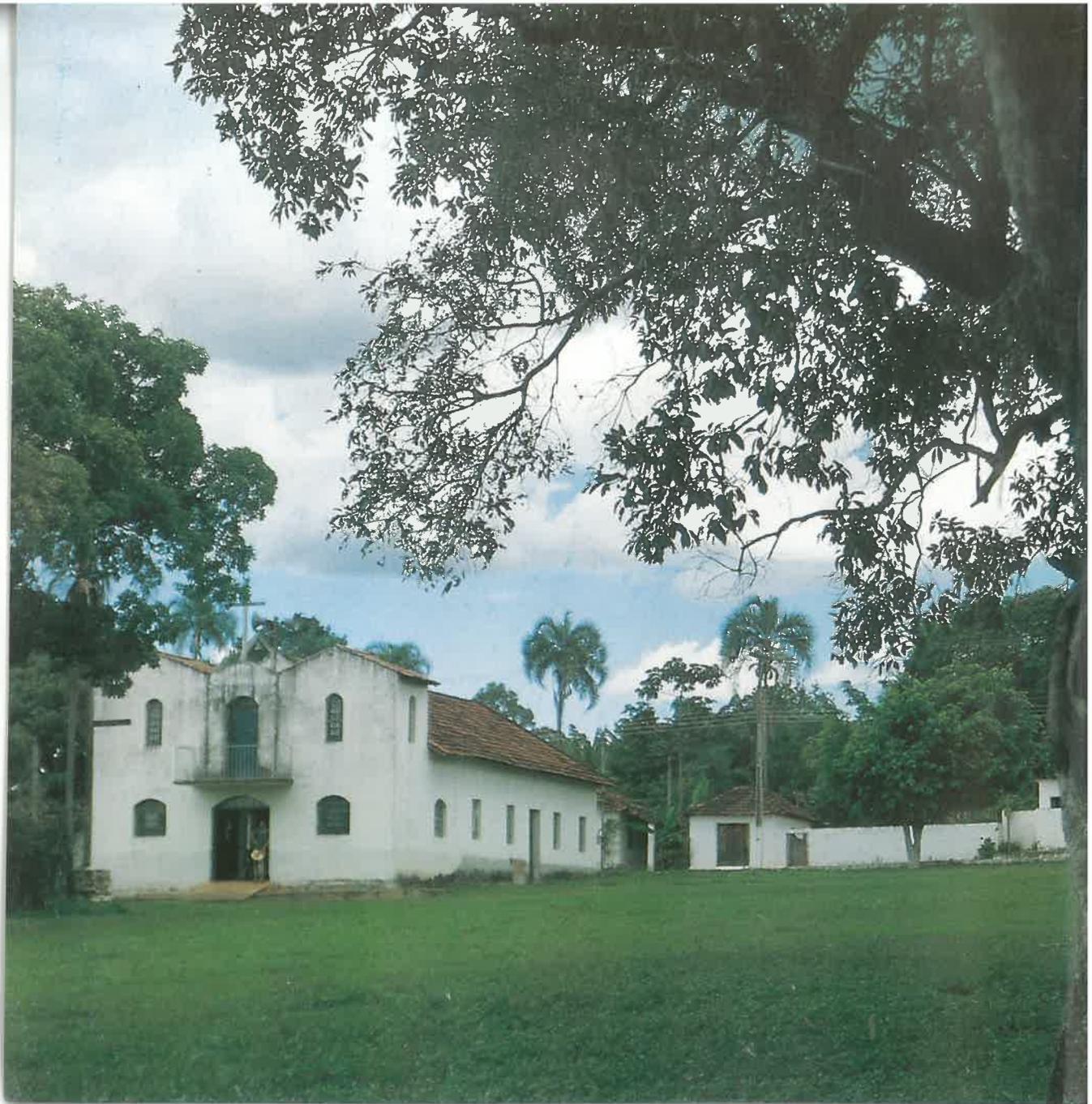
a tradição artesanal da tecelagem

# Olhos d'Água

a tradição artesanal da tecelagem



ACORDE – Associação Comunitária de Desenvolvimento Sustentável de Olhos d'Água



# Olhos d'Água

a tradição artesanal da tecelagem

<b>OLHOS D' ÁGUA ..... 5</b>	<b>O ARTESANATO ..... 17</b>	<b>ACORDE ..... 57</b>
Localização ..... 6	Tecelagem ..... 20	O Projeto e as Parcerias ..... 58
História ..... 8	Fiar ..... 22	Oficinas de Capacitação ..... 60
Culinária ..... 10	Tingir ..... 28	Referências Bibliográficas ..... 62
Festas ..... 11	Tecer ..... 42	Créditos ..... 64
Transformações ..... 13	Padrões ..... 48	
Feira de Trocas ..... 14	Produtos ..... 54	



# Olhos d'Água

- localização
- história
- culinária
- festas
- transformações
- feira de trocas





## LOCALIZAÇÃO



*Olhos d'Água*

6

À direita: Dois cenários de Olhos d'Água:  
o cerrado e o rio que corta o povoado.







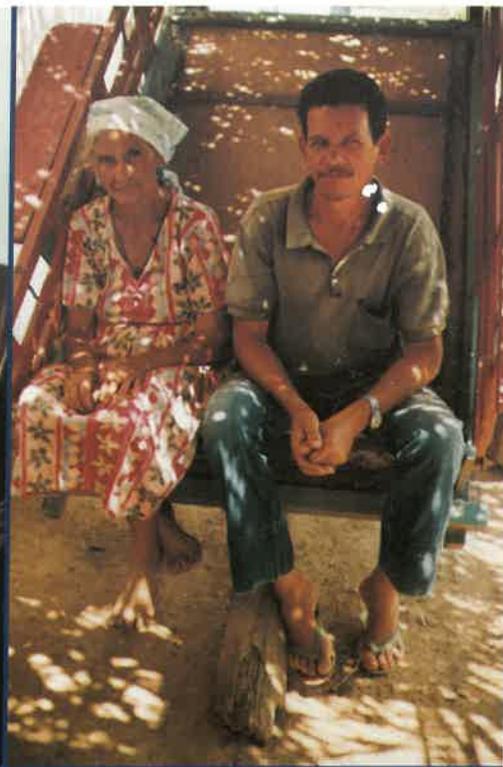
## A HISTÓRIA

Segundo contam os antigos, a comunidade surgiu de uma promessa religiosa, feita por uma moradora da região, de construir uma capela em homenagem a Santo Antônio de Pádua. Em torno da pequena igreja, fundada em 1941 em terras doadas por dois cunhados fazendeiros, cresceu o povoado de *Santo Antônio de Olhos d'Água*.

As terras doadas foram repartidas pela igreja em pequenos lotes, que eram vendidos a quem quisesse ali se estabelecer. O modelo de arquitetura das casas veio pelas mãos dos mestres de construção de Corumbá de Goiás, que conservaram as mesmas características das antigas casas da região, dando a impressão de ser Olhos d'Água mais antiga do que aparenta. As matérias-primas utilizadas eram, basicamente, adobe, madeiras do cerrado e telhas de barro, fabricadas pelos próprios habitantes.

Os homens trabalhavam como meeiros para os fazendeiros da região. Plantavam milho, feijão, arroz e mandioca e mantinham pequenas criações. Além disso, produziam, para seu uso, utensílios de barro, como panelas, potes e artigos de tecelagem.

Com o isolamento do povoado, a população criou um modo de vida próprio. Era auto-suficiente em gêneros de primeira



*Imagens dos moradores do lugar.*



necessidade, fiava e tecia suas roupas e fazia seus utensílios – gamelas, colheres de pau e cestas. O contato com outras comunidades se dava por intermédio de viajantes e mascates, que traziam o que não se encontrava ali. Para conseguir o sal, era preciso desbravar o sertão de Goiás e das Minas Gerais até o Triângulo Mineiro.

Nas longas viagens em carro de boi, os mascates escoavam o excedente da produção e adquiriam algumas pequenas encomendas especiais para as famílias mais abastadas, como sapatos ou algum corte de tecido fino.

## A CULINÁRIA

A comida, ainda feita em fogão de lenha, tem uma variedade de pratos que incorporam frutos do cerrado, como o tradicional arroz com pequi, a galinhada com açafrão e a galinha com gueroba. E para acompanhar um bom café, só mesmo o biscoito de queijo, a *peta* – um tipo de biscoito de polvilho –, a pamonha, o curau, o bolo de mandioca e, ainda, as compotas de frutas com queijo fresco. Todo esse universo de sabores marca a identidade da culinária da região.

## AS FESTAS

---

Além da festa de Santo Antônio, com as tradicionais quermesses, leilões, batizados, casamentos e a Folia de Reis, o principal evento religioso da região era a Festa do Divino. Comemoração de origem portuguesa e açoriana, festeja a vinda do Espírito Santo, cinquenta dias depois da Páscoa, na Festa de Pentecostes.

No final do mês de maio e início de junho, os foliões percorriam as casas da região pedindo pouso. Por sua vez, os moradores e seus vizinhos aguardavam ansiosos a chegada dos alferes, que, acompanhados de um grupo de violeiros, caixeiros, sanfoneiros e foliões, conduziam de casa em casa a bandeira vermelha com a pomba branca simbolizando o Divino Espírito Santo.

Desta festa, também faziam parte a reza do terço, as cantorias religiosas, a dança do chá e a dança da catira – praticada exclusivamente pelos homens. A alegria era tanta que a confraternização pedia comida farta, que era distribuída em abundância para homenagear o Espírito Santo, fonte de amor e prosperidade.



*Apesar das transformações, os moradores mantiveram seu ritmo de vida e o apreço pelos cantadores locais.*



## AS TRANSFORMAÇÕES

O povoado, distrito do município de Corumbá de Goiás, virou cidade em 1959. Com a construção da nova capital e a abertura da BR-060, que liga Brasília à Goiânia, o prefeito eleito em 1961 criou a cidade de Alexânia, valendo-se de um loteamento, e, na calada da noite, transferiu para lá a sede do município, contra a vontade da população. Com isso, Olhos d'Água foi completamente abandonada pelo poder público municipal; conseqüentemente, a economia e a produção artesanal declinaram, e até suas principais atividades culturais, como as festas religiosas, foram perdendo seu vigor.

A proximidade de Brasília e Goiânia estimulou boa parte da população a migrar em busca de emprego, tendo essas cidades exercido forte influência na cultura local e alterado hábitos e costumes. Carlos Drummond de Andrade, que conheceu Olhos d'Água nessa época, assim a descreveu:

*Olhos d'Água é um lugarejo como tantos outros, sem sequer uma fumacinha de importância no quadro do desenvolvimento nacional.*

*E, como tantas outras, é violentada pelas conseqüências da expansão urbana, que impõe novas exigências sociais sem a compensação de tranquilidade e alegria.*



## FEIRA DE TROCAS

A primeira Feira de Trocas aconteceu em dezembro de 1974, como parte de um projeto de arte-educação implantado pela professora Laís Aderne. Foi idealizada como um canal de escoamento para a produção artesanal, que vinha sendo resgatada com a identificação dos mestres artesãos e a retomada dos fazeres tradicionais daquela população.

Reeditada a cada ano, a Feira de Trocas acontece sempre no primeiro domingo dos meses de junho e dezembro, tendo como seu maior atrativo o resgate de um importante traço cultural da região: a *gambira* ou *catiragem*. Durante muitos anos, essa foi a forma que a população encontrou para adquirir gêneros de primeira necessidade, que trocava por produtos artesanais.

Se, em um primeiro momento, a Feira incentivou a produção artesanal de Olhos d'Água, nota-se atualmente que, a cada ano, esse evento vem perdendo sua característica de possuir apenas produtos locais, passando a abrigar um grande universo de mercadorias. Hoje, Olhos d'Água só conta com esses dois eventos anuais para escoar seus produtos, o que tem dificultado a obtenção de renda e a conseqüente melhoria da qualidade de vida de sua população.



*Dois artesãos de Olhos d' Água: Seu Vicente  
Pássaro Goiás e Benedita de Araújo Leite.*



# 0 artesanato

· tecelagem

fiar - tingir - tecer - padrões

· produtos



A produção artesanal de Olhos d'Água sofreu significativamente com o advento da nova capital. Os saberes tradicionais, que sustentavam esta produção de objetos para uso cotidiano, foram sendo substituídos por uma euforia com a cidade grande e a aquisição de utensílios industrializados. Com isto, as técnicas artesanais de cestaria, tecelagem e madeira ficaram restritas aos mais velhos, e os instrumentos usados nestes ofícios, como a roda de fiar e os teares, foram praticamente abandonados.

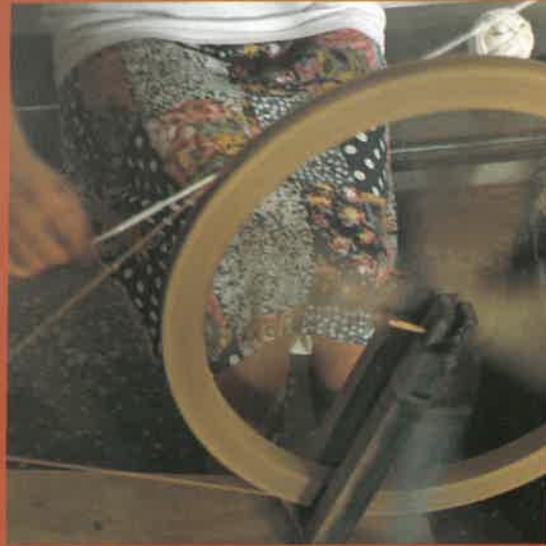
O artesanato local mantém, contudo, sua marca própria, tanto na tecelagem manual, que é característica do Estado de Goiás, quanto no trançado em fibras naturais. A peculiaridade desses produtos tem atraído para a região, a cada ano, um fluxo intenso de turistas, que costumam freqüentar as Feiras de Trocas. Além disso, pessoas de todo o Centro-Oeste têm visitado a comunidade, seja em busca dos seus produtos artesanais típicos, seja para desfrutar do clima ameno e da tranquilidade que encontram nesse bucólico povoado.



## TECELAGEM

A tecelagem foi passada de geração em geração, com as mães ensinando as filhas a plantar, colher e fiar o algodão, a fim de tecerem cobertas, tecidos para vestuário e baixeiros para montaria. Hoje, Olhos d'Água é conhecida pela excelência de sua tecelagem, que serve como complemento de renda para um número significativo de famílias. Não é raro encontrar, no fundo de quintal das modestas casas deste lugarejo, uma pequena construção ou um “puxado”, às vezes de pau-a-pique, onde se encontra instalado um tear manual. Neles, as mulheres se dedicam ao trabalho de cardar, fiar, tingir e tecer o fio de algodão.

A produção de cobertas e tapetes envolve todos os membros da família, cada um com uma participação específica neste processo. As crianças, como parte de suas brincadeiras e do seu processo de aprendizagem dos saberes tradicionais, costumam ajudar no descaroçamento e na limpeza do algodão. Aos homens, cabe a produção e o conserto dos instrumentos de trabalho, como a roda de fiar e o tear.



*Fiação*



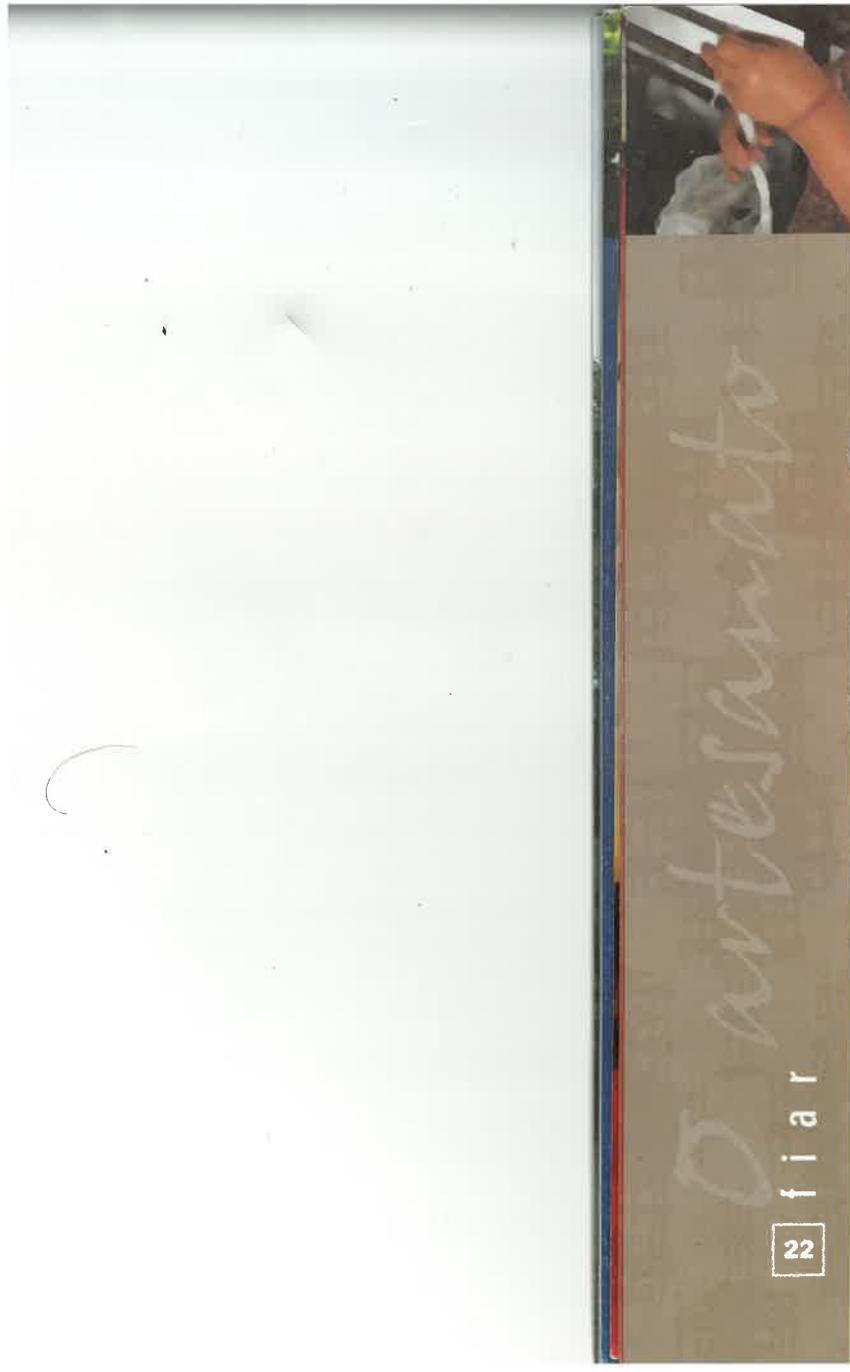
*Tingimento*



*Tecelagem*



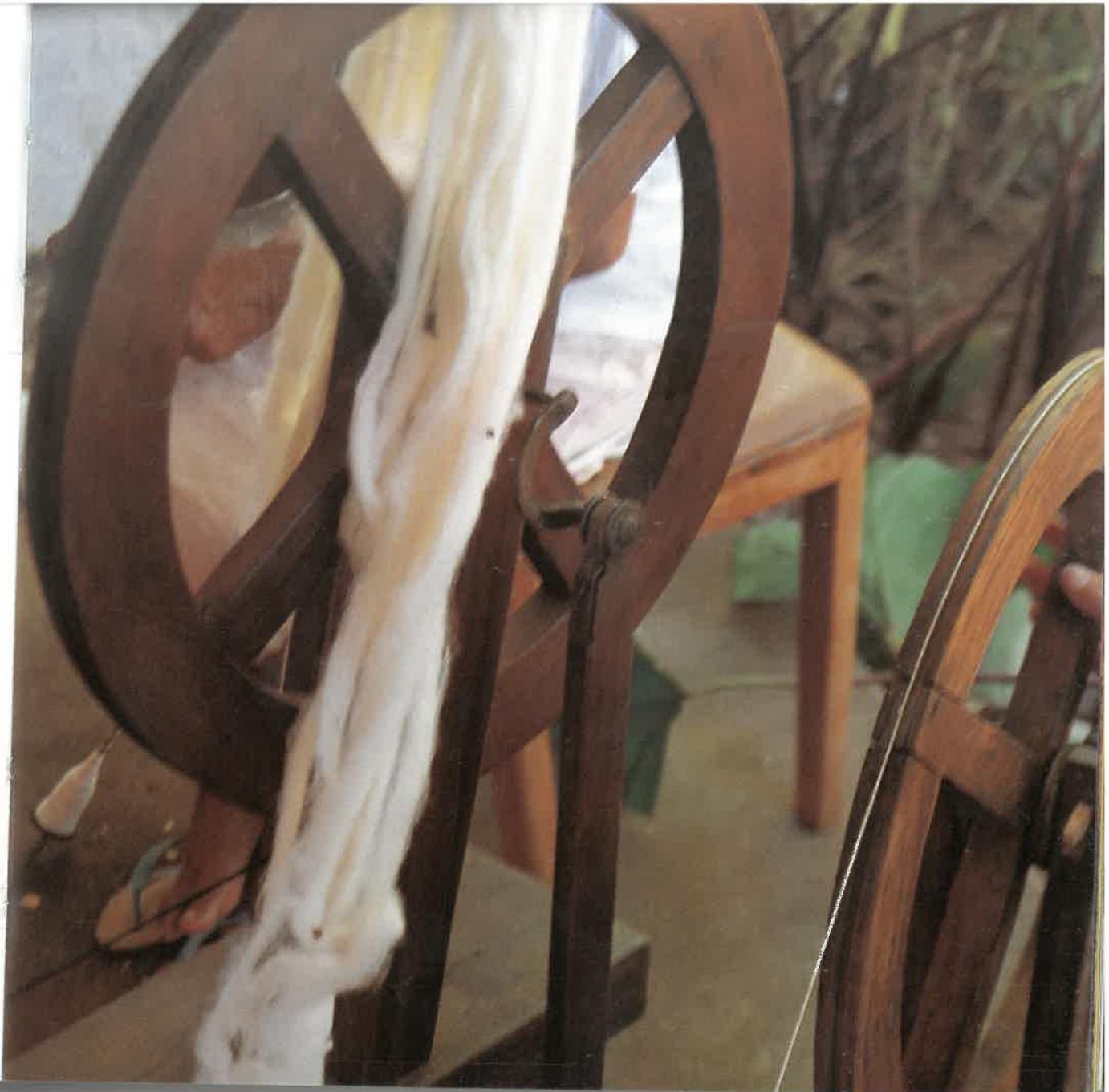
*Padrões*

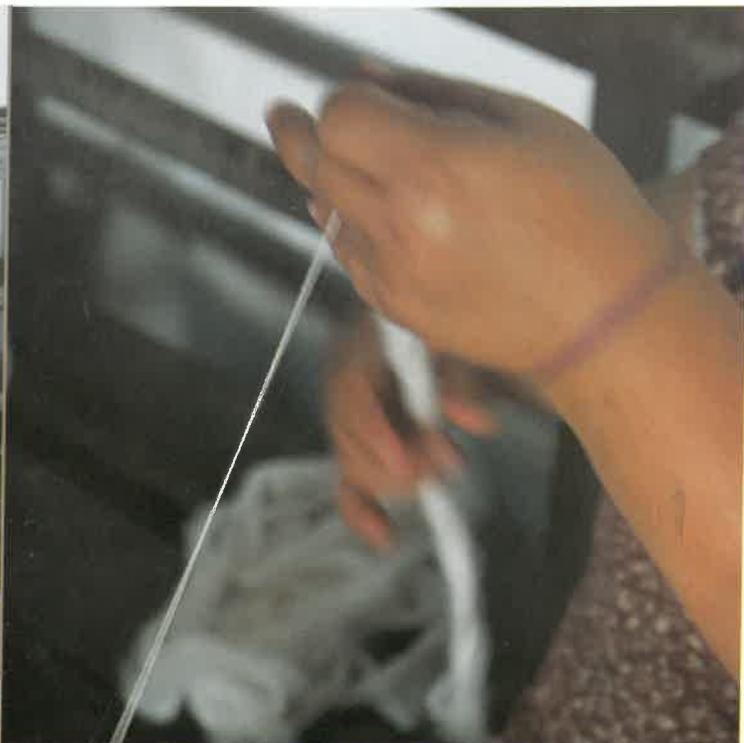


## Fiar

Nas rodas de fiar, a destreza das mulheres da região transformam a pluma do algodão em fios de variadas espessuras. No passado, os fios grossos por elas fiados eram usados na confecção de baixeiros; quando banhados em óleo de mamona nos candeeiros, eram a principal forma de iluminação, servindo também como pavio para as velas que acompanhavam a procissão do Santo Antônio. Um fio mais fino era produzido para confeccionar roupas e peças de uso doméstico, como cobertas e tapetes. Ao ser utilizado como objeto pessoal e incorporado ao universo familiar, o tecido adquire desenhos e cores, assumindo uma outra importância.

Até os anos 40, o algodão teve fundamental importância para a região, sendo, até hoje, a principal matéria-prima utilizada na tecelagem de Olhos d'Água. Mas esta fibra deixou de ser aí cultivada e as poucas plantações de fundo de quintal são insuficientes para atender à produção têxtil local. Isto se deve sobretudo ao processo vivido pela comunidade, especialmente a partir da década de 1970, época em





*Flandeiras de Olhos d'Água  
trabalhando em mutirão.*

que ocorre uma transformação no sistema fundiário da região Centro-Oeste, quando a plantação de pequenas culturas dá lugar às grandes propriedades de plantio de soja e à criação extensiva de gado.

Com isso, as artesãs passam a adquirir sua matéria-prima nos grandes centros mais próximos, nos estados de Minas Gerais, Goiás e São Paulo, ou mesmo na próxima Alexânia. Nesses locais, elas compram o algodão já beneficiado, que dispensa o descaroçamento e a cardagem, bem como as linhas industriais tingidas com anilinas, que eliminam o processo de fiação e tingimento, ou mesmo os retalhos de malha e os tecidos, que suas mãos transformam em fios grossos para a confecção de tapetes.

No modelo tradicional, o beneficiamento do algodão envolve um processo trabalhoso, tanto no plantio como na produção manual de fios, que se transformam em tecidos. Isto implica um cuidado especial, que vai desde a plantação, a colheita, a retirada da fibra da *cachopa* até seu processamento em descaroçador manual. Esta fibra é então batida em um arco, a fim de se retirar as impurezas, e cardada para ser fiada. Nas rodas de fiar, a destreza das mulheres da região transforma a pluma do algodão em fios de variadas espessuras, para confecção de roupas, cobertas e tapetes.



O artesanato

f i a r

26

Na tecelagem, como na roça, as atividades são regidas pelo sistema de mutirões. A fiação do algodão, assim como o plantio e a colheita da lavoura, é um trabalho em grupo, que acontece em clima de festa. Neste evento, que envolve uma grande parte dos membros da comunidade, os participantes trabalham em benefício de alguém e, em troca, recebem bebidas e comidas. O mutirão também pode acontecer à *traição*, isto é, por iniciativa da comunidade, que vai à casa do interessado de madrugada, sem que ele saiba, acordando os donos da casa com cantos e músicas. Todos os participantes levam seus instrumentos de trabalho e a primeira refeição, ficando as demais por conta dos anfitriões.

O conhecimento sobre o processo de fiação permanece com as artesãs locais, mesmo sem terem a chance de fiar o algodão por muito tempo. Fiandeiras como Dona Luzia Estevão Viana, Rosa da Costa Freire e Luiza Mendes de Souza têm uma destreza incomum no manuseio desta fibra, produzindo um fio bastante fino. Essa habilidade se manifesta sempre que aparece uma oportunidade, em especial quando as fiandeiras têm uma quantidade razoável de algodão disponível e para isto precisam organizar um mutirão para fiar.

À direita: Roda de fiar em movimento.





## Tingir

### *Plantas*

---

O tingimento com corantes naturais faz parte de uma longa tradição das tecelãs de Olhos d'Água. Na estreita relação que as mulheres da zona rural mantêm com a natureza, não foi difícil identificar plantas nativas capazes de colorir os fios de algodão, permitindo adornar os diversos tipos de tecidos. Murici, baspo, caparrosa, capitão, pau-santo, angico, urucum, mijadeira, maria-preta, anil, cabriteira, pioneira, são caetano, lobeira, sete folhas, vinhático, peroba, barbatimão, mama-de-porca, pororoca, paineira, soita-cavalo, cajueiro, goiabeira, licurana, canzineiro, cachiguá, quaresminha, pena-de-galinha, capim, cabelo-de-negro e maria-pobre: suas cascas, folhas, frutos e raízes passam a integrar esse exótico elenco de plantas, que são transformadas em tintas.

As cores resultantes de cada uma delas serão apresentadas a seguir, junto com as ilustrações das plantas tintórias nativas da região, que apresentam maior poder de tingimento nos fios de algodão.



## Plantas tintórias nativas e suas cores



-  **Amarelo** – quaresminha (*Trembleya phlogiformis*, Família Nekastinaceæ)
-  **Amarelo** – moreira (*Morus alba*, Família Moraceæ)
-  **Areia** – lobeira (*Solanum lycocarpum*, Família Solanaceæ) e maria-preta (*Michelia champaca*, Família Magnoliaceæ)
-  **Cáqui ou Rosa** – peroba (*Aspidosperma*, Família Apocinaceæ)
-  **Ocre** – mama-de-porca (*Fagara rhoifolia*, Família Rutaceæ)
-  **Laranja-amarelado** – abacateiro (*Persea amenzana*, Família Laureaceæ)
-  **Laranja** – urucum (*Bixa olerana*, Família Bixaceæ)
-  **Castanho** – goiabeira (*Psidium guajara*, Família Myrtaceæ)

- 
-  **Marrom-claro** – vinhático (*Plathymenia reticulata*,  
Família Leguminosæ)
-  **Marrom** – licurana (*Croton*, Família Euphorbiaceæ) e barbatimão  
(*Stryphnodendron adstringens*, Família Leguminosæ)
-  **Marrom-avermelhado** – cabelo-de-negro (*Ouratea spectabilis*,  
Família Ochnaceæ) e cajueiro (*Anacardium occidentale*,  
Família Anacardiaceæ)
-  **Verde** – sete-folhas (*Cybistax antisyohilitica*, Família Bignoniaceæ)
-  **Azul** – anilaçu, anileira, anil-de-folha-grande (*Eupatorium laeve*,  
Família Asteraceæ) e anilzinho do campo (*Psidium guajara*,  
Família Murtaceæ)
-  **Cinza ou Preto** – caparrosa (*Neea theifera*,  
Família Nyctaginaceæ) e capitão-do-campo (*Terminalia*  
*argentea*, Família Combretaceæ)



■ **Angico, angico-de-casca** – *Anadenanthera macrocarpa*  
(Benth.) Brenan., Família Leguminosæ

Uma das árvores mais frequentes da caatinga, o angico aparece em todo o Nordeste, em Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso do Sul, alcançando até 15 metros de altura. Sua casca é grossa, sendo provida de espinhos nos ramos jovens, que nos mais velhos vão aumentando de tamanho e se interligando, formando cristas. No Nordeste, sua casca rica em tanino foi muito explorada pelos curtumes, razão provável de hoje em dia encontrarem-se apenas árvores mais jovens com no máximo 8 metros de altura. Os tiradores em vez de arrancarem apenas faixas de casca de um dos lados do angico, descascavam inteiramente boa parte do tronco, causando sua morte. Suas flores esbranquiçadas aparecem entre setembro e novembro, quando as árvores estão sem folhas. E os frutos, vagens achatadas e castanhas, surgem entre agosto e dezembro.



**Anilaçu, anileira, anil-de-folha-grande – *Eupatorium laeve* DC.,**  
Família Asteraceæ



Arbusto de até 4 metros de altura, o anilaçu é encontrado nas capoeiras da Mata Atlântica, do Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul. Seu caule e folhas são lisos e não possuem pêlos; as folhas, membranáceas e serreadas, com três nervuras na base, fornecem tintura de cor azul, semelhante ao anil. As flores são delicadas e lilases.

■ Aroeira – *Myracrodruon urundeuva* M. Allemão,  
Família Anacardiaceæ

Árvore das caatingas e cerrados brasileiros, sobretudo de seus terrenos mais férteis, onde alcança até 25 metros de altura, a aroeira chega, nos solos mais pobres, a no máximo 10 metros. É mais freqüente no Nordeste, na Bahia, em Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Goiás. Suas folhas caem nos meses de junho e julho, quando produz pequenas flores avermelhadas. Seus frutos são envoltos pelos restos da flor, que permitem sua dispersão pelo vento, entre setembro e outubro. A madeira avermelhada, pesada e resistente é muito usada em moirões de cercas, postes, estacas, dormentes, vigas e armações de pontes.



■ Caparrosa, Caparrosa-do-campo – *Neea theifera* Oerst.,

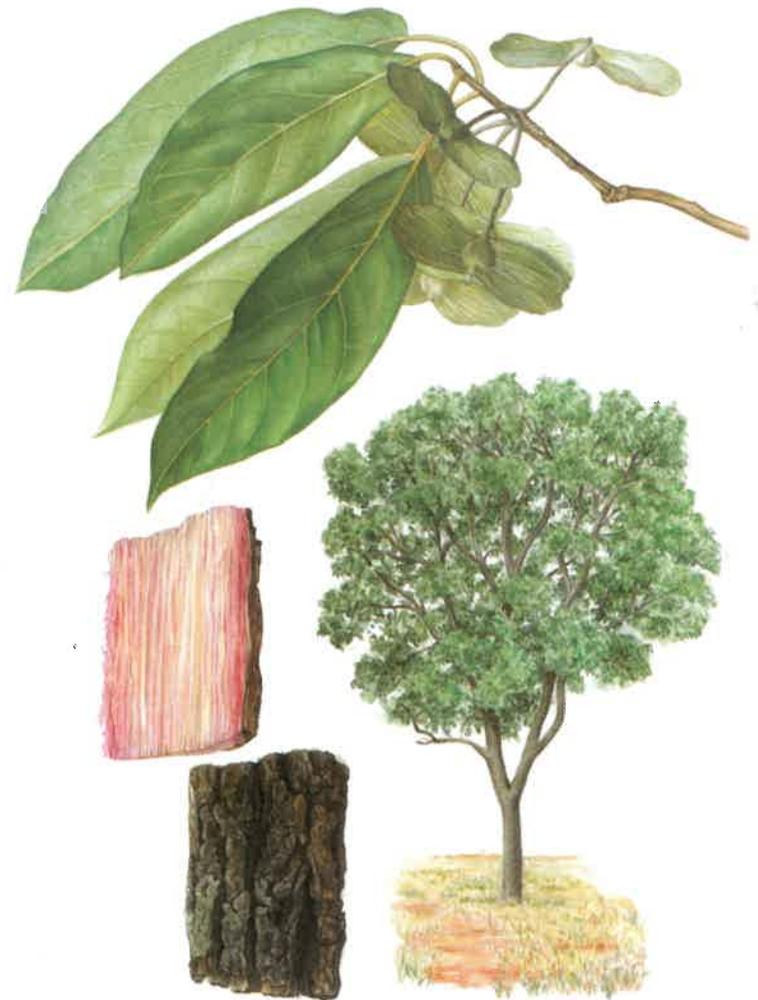
Família Nyctaginaceæ



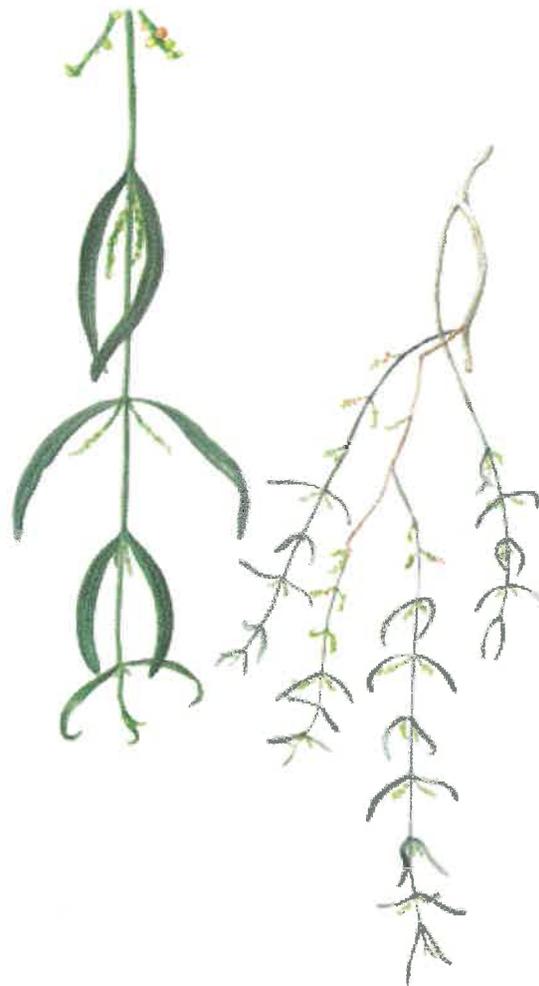
Arbusto de até 4 metros de altura, próprio dos cerrados de todo o Brasil, a caparrosa tem casca espessa e fissurada. Suas folhas carnosas, bem lisas, verde-azuladas, sem pêlos e esbranquiçadas na face inferior, fornecem tintura de coloração negra. As flores pequenas, em cachos verde-rosados, aparecem de agosto a dezembro. Os frutos são bagas cor de vinho quando maduras, sendo encontradas de outubro a janeiro.

■ **Capitão-do-campo** – *Terminalia argentea* Mart. & Zucc.,  
Família Combretaceæ

Árvore de até 15 metros de altura, com folhas caducas, o capitão-do-campo surge em cerrados e matas secas do Brasil Central, até São Paulo. Suas folhas são elípticas e de coloração prateada quando jovens. As flores são produzidas em pequenos cachos verde-amarelados, nos meses de julho a setembro, quando a árvore, ainda sem folhas, inicia seu rebrotamento. Os frutos possuem uma única semente, ladeada por duas pequenas asas; provenientes da florada do ano anterior, amadurecem quase no mesmo período da floração.



Erva-de-passarinho – *Phoradendron affine* (Pohl) Nuttall.,  
Família Viscaceæ



A erva-de-passarinho cresce sobre o tronco das árvores e em arbustos, sugando deles a água necessária para sua sobrevivência. Por necessitar apenas da água e não da seiva de seu hospedeiro, é denominada hemiparasita. Há várias espécies de erva-de-passarinho, mas essa, em particular, ocorre em quase todo o Brasil; possui belas e carnosas folhas verde-escuras e produz suas flores amareladas em pequenas espigas. Os frutos são bagas vermelhas, muito apreciadas por pássaros, que são os responsáveis pela dispersão das sementes. Liberadas juntamente com as fezes na casca das árvores, as sementes logo que germinam fixam-se firmemente ao hospedeiro. É muito fácil observar essa planta quando o hospedeiro está sem suas folhas, ocasião em que parecem verdadeiros enxertos.

 **Murici** – *Byrsonima pachyphylla* A. Juss.,  
Família Malpighiaceæ

Arbusto ou arvoreta de até 3 metros de altura, o murici é próprio dos cerrados de todo o Brasil Central, até o Estado de São Paulo. Sua casca é espessa e fendilhada, e as folhas possuem uma camada de pêlos esbranquiçados e ferrugíneos na face inferior. Suas flores vistosas variam de amarelo a alaranjado; seus frutos, pequenos e amarelados, são apreciados por pássaros e outros animais. Tanto as flores como os frutos podem ser encontrados durante quase todo o ano.



■ Pau-santo – *Kielmeyera variabilis* Mart.,

Família Clusiaceæ



Arbusto ou árvore de até 6 metros de altura, o pau-santo ocorre nos cerrados de todo o Brasil. Sua casca é suberosa e fendilhada; as folhas verde-azuladas são carnosas, bem lisas e sem pêlos. Suas flores, de pétalas brancas e estames em tom amarelo-brilhante, surgem de novembro a janeiro. Os frutos são cápsulas lenhosas que, quando maduras, abrem-se em três partes, nos meses de setembro e outubro, liberando as delicadas sementes membranáceas.



## *Tingimento*

---

Tal variedade de plantas traz um amplo espectro de cores para a tecelagem local. Neste imenso repertório de matérias-primas corantes, o conhecimento sobre as plantas é passado de maneira informal, como uma receita a ser seguida. Fruto de um saber herdado através das gerações, o tingimento vai se aprimorando, e a cinza do fogão, o sal e o limão passam a incorporar este processo, funcionando como fixadores naturais (mordentes). Entretanto, os segredos sobre o comportamento de cada planta no processo de tingimento e a sua forma de interagir com os diferentes mordentes só podem ser desvendados no fazer e nos improvisos que apenas uma tintureira experiente é capaz de empreender.

À direita: Enxágüe dos fios tintos com corantes naturais;

Artesã retirando sementes de urucum.





### **Receita básica de tingimento**

*Pesar a quantidade necessária para tingir 1 quilo de algodão e socar a matéria-prima corante em pilão de madeira. Colocar em balde com 7 litros de água e acrescentar 1 colher de sopa de amoníaco líquido. Misturar bem e deixar de molho por uma noite. Em recipiente apropriado, como um bom tacho de cobre, ferver a matéria-prima corante por 30 minutos. Coar o extrato obtido e acrescentar água fria, até completar 18 litros. Mergulhar 1 quilo de meadas de algodão no banho de tingimento, movimentando a cada 15 minutos; deixar cozinhar por 1 hora; retirar e acrescentar o mordente. Mexer bem e retornar as meadas ao banho de tingimento, movimentando-as para que não manchem. Manter no fogo por mais 15 minutos. Retirar as meadas, acrescentar 100 gramas de sal e misturar bem; retorná-las para o banho, movimentando-as novamente, e deixar esfriar. Enxaguar as meadas em água corrente até retirar todo o excesso de tinta. Secar à sombra.*

## Tecer

*Movimentam-se os teares,  
As mãos entrelaçam fios,  
Tecendo as vestes do tempo.  
Há vibrações misteriosas  
Na magia da cidade,  
Onde a esperança e a saudade,  
De mãos dadas pelas ruas,  
Vão buscar, lá no infinito,  
Aquele sopro bendito  
Que acorda e faz renascer.  
Assim te vejo, Olhos d'Água,  
Não com os olhos do corpo,  
Te vejo com os Olhos d'Alma.*

Newton Rossi

Os fios de algodão tingidos são enovelados e então levados para urdir, seja em uma urdideira de parede, seja numa giratória, seja mesmo valendo-se de uns tocos afixados em pontos estratégicos no chão do terreiro, que estabelecem a





O artesanato

t e c e r

metragem a ser tecida. Este processo requer especial atenção, visto que os fios devem ser passados nos pinos da urdideira em seqüência alternada – *em cruz* –, sempre considerando um número múltiplo de 24 fios – *cabrestilhos*. Isto definirá a largura do produto que será tecido. Ao urdir, é feita uma trança, que permite que os fios sejam colocados no tear sem embarçar.

### *Tear de pedal*

Um a um, os fios são passados nos *liços* e no pente, sendo então amarrados nos rolos do tear para formar o urdume do tecido. A seqüência de passamento dos fios nos *quadros de liços* é de fundamental importância, em especial ao se tecerem as diferentes padronagens – *repassos* ou mesmo listrados e xadrezes. Cada desenho escolhido requer um determinado tipo de ordenação dos fios do urdume e da trama, estabelecida pelo número de vezes que a lançadeira é jogada em movimento simultâneo à seqüência de abertura da cala, comandada pelo movimento dos pés nos pedais do tear.



*Em cima, à esquerda: Artesã tecendo em tear de pedal; Em cima, à direita: Repasse dos fios de urdume no liço; Embaixo: Fios de urdume alternados em cruz para facilitar a identificação da seqüência correta.*

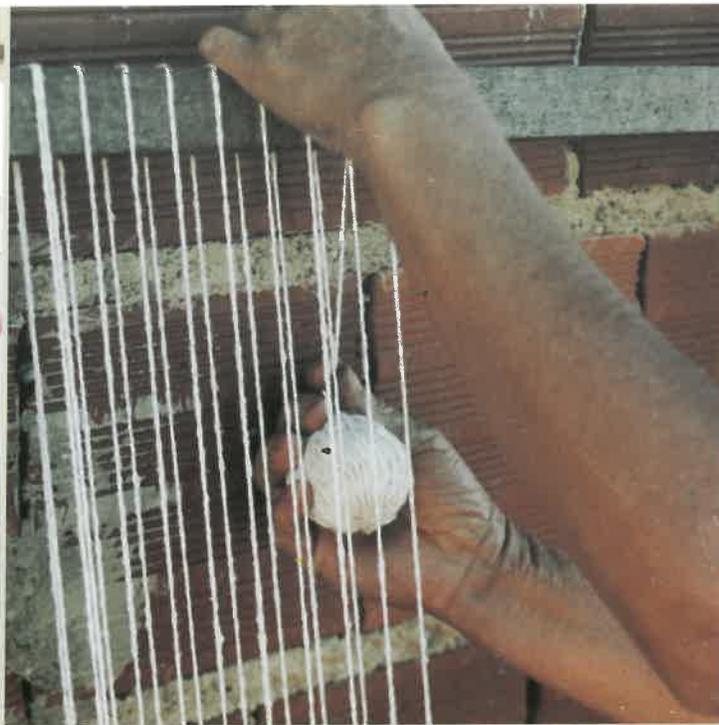


## Grade

---

Nesta versão improvisada do tear vertical são feitos, geralmente, os *baixeiros* – manta rústica que é colocada sobre o lombo do cavalo, por baixo da sela. O material utilizado na urdidura é, em geral, um aproveitamento dos restos dos fios de urdume do tear de pedal ou mesmo um barbante. Os fios são passados nas travessas superior e inferior da grade, de forma contínua, até que se estabeleça a largura do produto a ser tecido. Na trama, são utilizadas as mesmas tiras de tecidos coloridos, cada ponto sofrendo um cruzamento alternado em torno dos fios do urdume, que ficam invisíveis no produto final. As variações nas cores e tipos de tiras de tecido formam desenhos geométricos simples, que são elaborados segundo a criatividade de cada tecelã.

O resultado deste trabalho é um tecido grosso, que, atualmente, na sua versão mais simples, é usado como um capacho ou mesmo como um adorno de parede; na sua versão mais elaborada, apresenta desenhos figurativos, criados especialmente por Benedita de Araújo Leite, em forma de bonecas.



*Em cima, à esquerda e à direita:  
Artesã passando fio de urdume  
no tear de grade;  
Embaixo: Recorte do tecido de  
malha para compor a trama.*



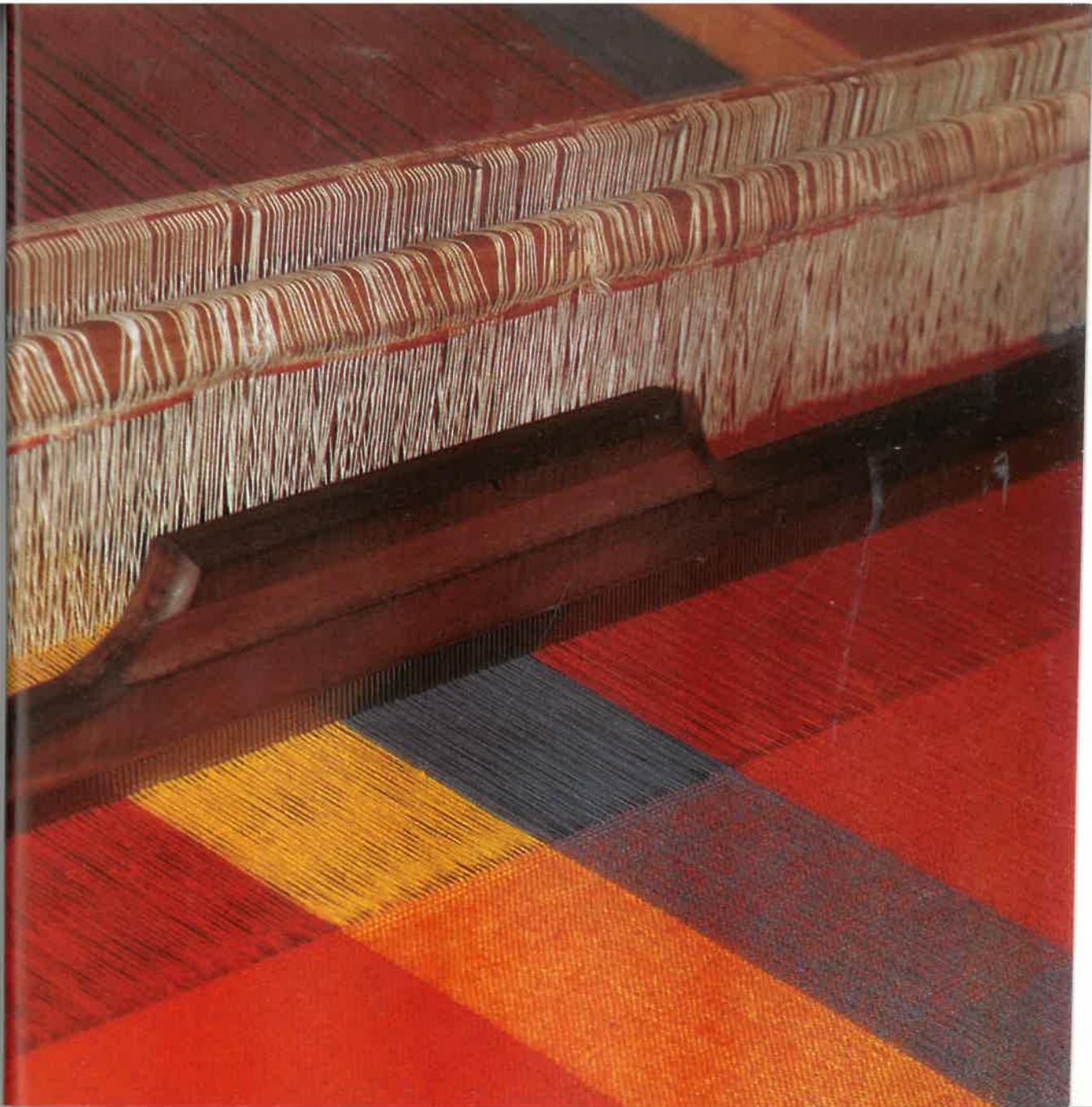
## Padrões

Na tecelagem de Olhos d'Água predominam os padrões geométricos. A única presença de um desenho figurativo encontra-se na tecelagem de grade, que apresenta apenas o desenho de bonecas. No tear de pedal, os padrões se dividem em dois tipos: padronagens, próprias dos cortes de tecido para vestuário, e repassos, usados na decoração de cobertas e tecidos de uso doméstico.

### *Padronagens dos cortes de tecido*

Os padrões próprios dos cortes de tecido são geométricos e sua construção é feita em tear com dois pentes de liço. Entre os desenhos mais conhecidos pelas tecelãs de Olhos d'Água, destacam-se os padrões de esteirinha, enguiço, cisco, siriguia, apazinho, picão, corrente e olhinho. Como a produção de tecidos para vestuário não é mais comum entre as artesãs, essas padronagens passaram a ser aplicadas em outros tipos de produtos, como em tapetes e, eventualmente, em cobertas.

À direita: Tecido listrado no tear,  
com detalhe do pente e quadros de liços.

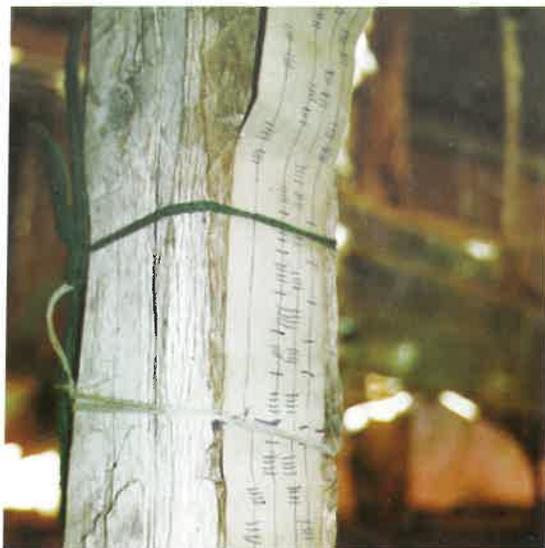


## Repastos

---

É dado o nome de *repasso* à receita ou código das padronagens do tecido, que indica a disposição dos fios do urdume nos quadros de liço do tear e a seqüência de tramas comandada pelo conjunto de pedais durante o trabalho. São padrões típicos da tecelagem de Goiás e do Triângulo Mineiro, com que esta comunidade historicamente manteve um contato intenso para ter acesso ao sal.

Existe uma grande diversidade de repastos, que se diferenciam pelo nome e tipo de desenho que apresentam no tecido. Dentro deste repertório, as tecelãs de Olhos d'Água tendem a privilegiar um determinado grupo de padrões. Entre os padrões usados atualmente podemos destacar: rosinha, laranja partida, estrada de ferro, redemoinho, dadinho, rosa, bandeja partida, quadro, tamborete, bagageiro e pé-de-gato ou pata-de-onça. Os desenhos de beirada, balão e dama são empregados pelas tecelãs mais antigas ou pelas mestras, como Dona Angelina Mendes de Souza e Ilda Borges da Silva.



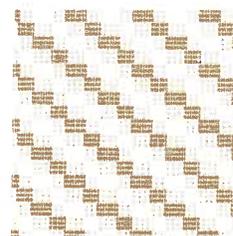
*Receita de repasso afixada no tear.*



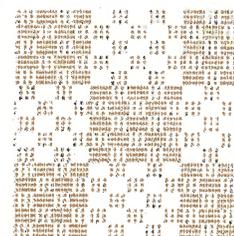
*Artesã tecendo o repasso porta de oratório.*



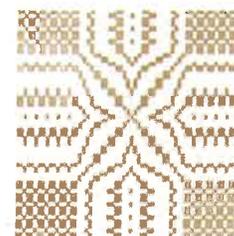
*Bagageiro*



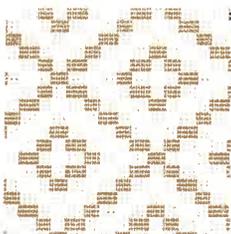
*Beirada*



*Dama*



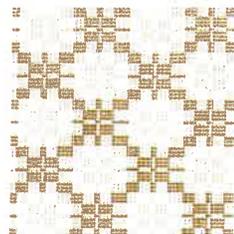
*Laranja partida com casca*



*Pé-de-gato*



*Porta de oratório*



*Rosinha*



*Tamborete*

## *Listrados e xadrezes*

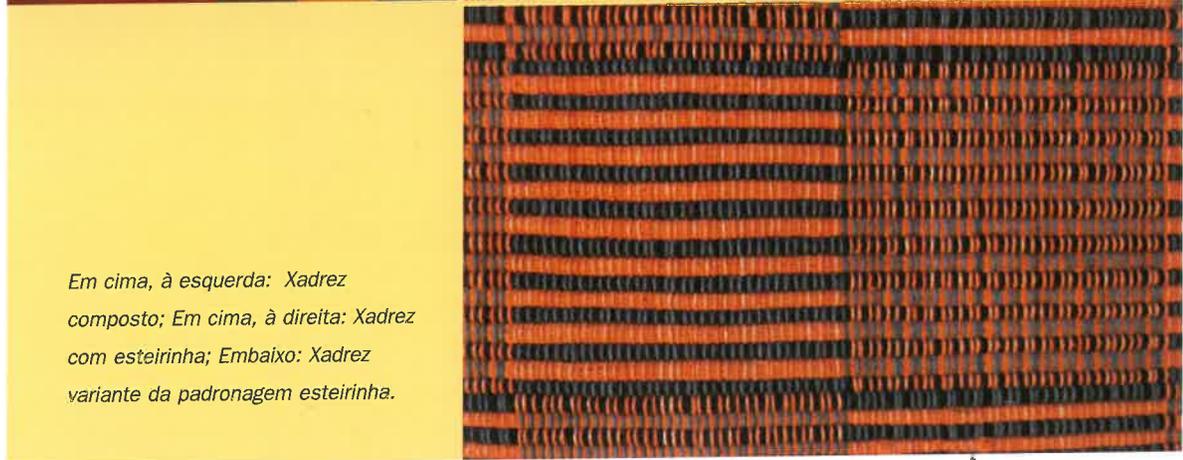
---

Valendo-se da tradição passada de mãe para filha, Maria de Fátima Pereira Dutra, ou Fatinha, uma artesã da comunidade, organizou uma pequena empresa, que emprega aproximadamente sete tecelões, os quais trabalham por produção.

A produção, voltada para atender a lojas dos grandes centros, utiliza fios industriais tingidos com anilinas. Seus produtos, inscritos em uma linguagem moderna, apresentam uma mistura peculiar de cores na composição de tecidos listrados e xadrezes. Ao mesmo tempo, mantêm um diálogo constante com a tradição, como, por exemplo, nos tapetes de “fio puxado”, técnica tradicional empregada na confecção de *coxonilho*, manta que é posta sobre os arreios para comodidade do cavaleiro.

Diante da falta de alternativas de renda local, mulheres e jovens da comunidade buscam emprego em Brasília e Goiânia, e com isto deixam morrer a tradição artesanal da tecelagem. Os artesãos que permanecem no lugar vivem em situação precária, pela dificuldade que encontram para escoar seus produtos, o que acontece de maneira informal nas duas feiras anuais e, eventualmente, em exposições esporádicas nos grandes centros.

O artesão  
padrões



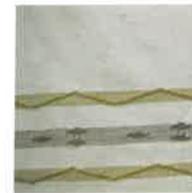
*Em cima, à esquerda: Xadrez composto; Em cima, à direita: Xadrez com esteirinha; Embaixo: Xadrez variante da padronagem esteirinha.*



## PRODUTOS



**Conjunto para lavabo**  
*Artesãs da Acorde*  
Fios de algodão e corante natural  
Toalha: 68X46 cm,  
Tapete: 63X43 cm



**Toalha de lavabo**  
*Artesãs da Acorde*  
Fios de algodão e corante natural  
68X46 cm



**Jogo americano**  
*Maria de Fátima Bastos*  
Fios de algodão e anilina  
34X56 cm



**Tapete puxado**  
*Maria de Fátima Bastos*  
Fios de algodão e anilina  
Diversos tamanhos



**Tapete**  
*Angelina M. de Souza*  
Fios de algodão e retalhos  
63X43 cm



**Cortina**  
*Angelina M. de Souza*  
Fios de algodão e retalhos  
Sob consulta



**Tapete de boneca**  
*Benedita de Araújo Leite*  
Retalhos  
63X43 cm



**Tapete**  
*Benedita de Araújo Leite*  
Retalhos  
63X43 cm



**Bonecas**  
*Dona Regina*  
Retalhos  
30X13 cm



**Tapete de retalhos**  
*Dona Regina*  
Retalhos  
63X43 cm



**Chapéus**  
Maria Abadia  
Buriti e bananeira  
Sob consulta



**Cesta de bananeira**  
Maria Dercy Lima  
Fibra de bananeira  
50X46 cm



**Serviço de mesa**  
Durvalina R. da Cruz  
Cerâmica  
32 cm de diâmetro



**Ema**  
Maria Abadia  
Capim  
74X67 cm



**Bichos**  
Vicente Pássaro Goiás  
Madeira  
Diversos tamanhos



**Moringa**  
Durvalina R. da Cruz  
Cerâmica  
32 cm de altura

## Logo e informações



### ACORDE

Casa da Memória  
Praça Santo Antônio, 65  
Olhos d'Água - Alexânia - GO  
contato: Enedina Fernandes de Queiroz  
acordeolhosdagua@uol.com.br



# Acorde

· o projeto e as parcerias

oficina de capacitação

· referências bibliográficas

· créditos





Acorde

Acorde

58

A Associação Comunitária de Desenvolvimento Sustentável de Olhos d'Água é uma entidade sem fins lucrativos, criada pela comunidade e por amigos do povoado. Dirigida por voluntários, tem como objetivo desenvolver ações que promovam a melhoria da qualidade de vida de seus moradores.

Desde a sua fundação, a Acorde já celebrou convênios e parcerias com órgãos do governo federal e estadual, conjugando esforços na realização de projetos de interesse comum, que beneficiem a população. Entre eles, destaca-se a implantação do 2º grau em Olhos d'Água, em parceria com a Secretaria de Educação do Governo Estado de Goiás, evitando-se que os jovens da comunidade tenham que se deslocar para Alexânia, sede do município, que dista cerca de 15 km do povoado.

## O PROJETO E AS PARCERIAS

O *Projeto Acorde 2000* fomenta a revitalização do processo de produção artesanal de Olhos d'Água, fortalecendo o associativismo e contribuindo para a melhoria da qualidade dos produtos têxteis. Busca, também, a abertura de outros mercados e novos canais para o escoamento da produção, além de atender às demandas do turismo, como estratégia fundamental para gerar renda e melhorar as condições de vida da comunidade.

A Acorde tem atuado de maneira criteriosa em relação a este núcleo de tecelagem manual. Atualmente, está trabalhando em parceria com o Programa Nacional de Municipalização do Turismo, da Embratur, e com o Sebrae/GO para reorganizar a produção artesanal do distrito. Se, anteriormente,

À direita: Mestres, artesãos e organizadores do projeto.





Acorde

Acorde

60

as artesãs se aliavam para organizar sua produção apenas quando aconteciam feiras e exposições em outras cidades, agora começam a produzir e a comercializar seus produtos em conjunto e por meio de sua Associação Comunitária. Entre as iniciativas do Projeto, podemos destacar:

### **Oficinas de Capacitação**

---

#### *Resgate da fiação manual*

O Projeto começou com um mutirão, do qual participaram quarenta fiandeiras do município. Como este ofício estava caindo em desuso, muitas delas haviam encostado suas velhas rocas havendo, então, a necessidade de recuperar as peças quebradas e reconstituí-las para que todas as fiandeiras pudessem mostrar a excelência de seu trabalho.

Na oficina de fiação, foram identificadas as habilidades das artesãs e os diferentes tipos de fios e espessuras, a fim de criar um sistema de classificação de seu produto. Algumas tecedeiras foram iniciadas na fiação em roca elétrica, com maior rendimento do trabalho. É interessante observar que algumas delas já haviam improvisado rocas elétricas, usando motor de ventilador que adaptaram às suas velhas rodas de fiar. Além disso, identificou-se, em um município vizinho, um algodão de primeira qualidade, que tem melhor rendimento, permitindo uma maior produção e a melhoria do fio artesanal.

#### *Revitalização do tingimento com corantes naturais*

Esta velha tradição das tecedeiras de Olhos d'Água, que vinha se perdendo com o uso de linhas industriais tingidas com anilinas,

compradas no comércio de Alexânia, foi retomada em uma oficina de tingimento, com uso de corantes naturais. Aproveitando o fio produzido na oficina de Fiação Manual, as artesãs trouxeram as plantas que já utilizavam para o tingimento e identificaram novas fontes de cor, como a sangra d'água, o açafraão-da-terra, o espinafre, a erva-de-passarinho, o picão e o ipê. Nesta oficina, foi dada um ênfase maior à técnica do preparo das tintas, ao preparo do fio de algodão e às formas de fixação dos corantes naturais.

### *Aprimoramento têxtil*

Nesta oficina, duas artesãs da comunidade trabalharam em conjunto na transmissão do conhecimento sobre os repassos tradicionais do Estado de Goiás e do Triângulo Mineiro, técnica cujo domínio estava circunscrito a um pequeno número de tecelãs. Ao mesmo tempo, várias artesãs que detinham um conhecimento apenas parcial do processo de tecelagem tiveram a oportunidade de aprender as técnicas de urdimento e a forma de inserir os fios no tear.

### *Técnicas têxteis*

Neste estágio do trabalho, as artesãs foram apresentadas a novos instrumentos, capazes de otimizar o processo têxtil. Alguns ajustes foram feitos no modo de trabalhar, principalmente ao serem incorporadas algumas técnicas capazes de aumentar a produtividade e a qualidade da produção artesanal local. Soma-se a isso a orientação sobre a melhoria do acabamento e a padronização nas medidas dos produtos, valorizando-os e tornando-os mais competitivos no mercado.



Acorde

Acorde



Acorde

Acorde

62

### *Espaço de comercialização e oficina comunitária*

A Casa da Memória foi preparada para abrigar um espaço de exposição de objetos que resgatam a história da comunidade, assim como para vender produtos artesanais de Olhos d'Água.

Foi implantada uma oficina comunitária de tecelagem e tingimento, para uso das artesãs de Olhos d'Água e para a capacitação e o repasse de conhecimento sobre essas técnicas.

### *Biblioteca comunitária*

A biblioteca comunitária foi reorganizada para o melhor uso de crianças, jovens e adultos da comunidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADERNE, Laís. *Experiência na comunidade rural de Olhos d'Água*. Olhos d'Água, 1975. (Datilografado).

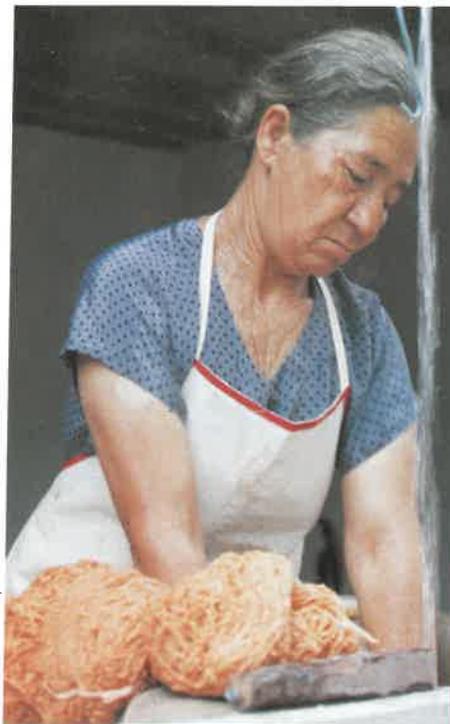
FERREIRA, Eber Lopes. *Corantes naturais da flora brasileira: guia prático de tingimento com plantas*. Curitiba: Fundação Boticário/Optagraf, 1997.

FONSECA et al. *Tecelagem Manual no Triângulo Mineiro*. Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

GARCIA, Marcolina Martins. *Tecelagem artesanal: estudo etnográfico em Hidrolândia - Goiás*. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1981.

GRUBER et al. *Tecelagem de Olhos d'Água*. Olhos d'Água, s.d. (Datilografado).

LIMA, Ricardo Gomes. *Fios de Olhos d'Água*. Rio de Janeiro: Funarte, CFCP, 1995. (Sala do Artista Popular 57).



*Artesãs envolvidas nas oficinas de capacitação.*

## CRÉDITOS

**Ministério do Esporte e Turismo**  
Carlos Melles - Ministro

**Embratur**  
Caio Luiz de Carvalho - Presidente

**Programa Nacional de Municipalização do Turismo**  
Anna Maria Marcondes - Coordenadora

**Acorde - Associação Comunitária de Desenvolvimento Sustentável de Olhos d'Água**  
Enedina Fernandes de Queiroz - Presidente  
Ivan Marques de Castro - Vice-presidente  
Hortênsio José dos Santos - Tesoureiro  
Rodrigo Moreira de Carvalho - 2º Tesoureiro  
Dulce Consuelo M. Nunes - Coordenação de projetos

**Parceiros**  
Sebrae/GO

**Concepção e Acompanhamento**  
Luciana Aguiar  
Eber Ferreira

**Instrutores**  
Sheyla Barcellos  
Eber Ferreira

**Mestras Artesãs**  
Maria de Fátima Dutra Bastos - Técnica local  
Angelina Mendes de Souza  
Ilda Borges da Silva

**Design e Produção Gráfica**  
Shadow Design

**Texto**  
Luciana Aguiar  
Dulce Consuelo

**Identificação Botânica**  
Equipe de pesquisadoras do Herbário do Instituto de Botânica da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo

**Ilustração**  
Hiroe Sasaki

**Fotografias**  
Silas Siqueira  
Luciana Aguiar

**Revisão**  
Tereza Maria Lourenço Pereira

**Agradecimentos**  
Maria das Mercês Parente  
Newton Póvoa  
Paulo Tim  
Valdo e Aracy S. Leite  
Maria Inácia de Campos  
Luiza Fernandes de Queiroz  
Dario Darino de Souza  
Divino Pereira Alves  
Secretaria Executiva do Programa Comunidade Solidária

ACORDE

Associação Comunitária de Desenvolvimento Sustentável de Olhos d'Água

ISBN 85-88273-03-9



9 788588 273030